

## REINVENTANDO O BEM COMUM

DOM LUCIANO MENDES DE ALMEIDA NO  
SIMPÓSIO NACIONAL DO BEM COMUM E SOLIDARIEDADE  
POR UMA ÉTICA NA POLÍTICA E NA ECONOMIA

*O Simpósio Nacional do Bem Comum e Solidariedade: por uma ética na política e na economia foi encerrado no dia 27 de junho com a Conferência a Reinvenção do Bem Comum e o Ensino Social da Igreja, proferida por D. Luciano Mendes de Almeida, jesuíta, arcebispo de Mariana-MG e ex-presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB. Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana e, por longos anos, professor de Filosofia. Dom Luciano é presidente da Comissão da CNBB Exigências éticas e evangélicas de superação da miséria e da fome. Sua conferência trouxe presente a realidade sócio-econômico-política brasileira e apontou para a necessidade da construção de um país economicamente justo, politicamente democrático, socialmente solidário, culturalmente plural e ecologicamente sustentável. Numa linguagem simples, convocou os presentes a aprofundar o conceito de bem comum como princípio e instrumento operacional concreto. IHU On-Line conversou com Dom Luciano sobre esses assuntos.*



*"Reinventar é buscar o bem comum com coerência"*

**IHU On-Line** - Como o senhor entende a questão da reinvenção do bem comum?  
**Dom Luciano Mendes de Almeida** - A palavra reinventar desperta atenção e até curiosidade, como se tivéssemos perdido a noção do bem comum. Parece-me que não se trata de reencontrar a noção, mas de aplicá-la com coerência. Há um desajuste entre a concepção de bem comum e, portanto, de suas exigências e a realidade de uma sociedade na qual há uma forte desigualdade social e, conseqüentemente, exclusão. Dessa forma, reinventar o bem comum é mais do que um ato cognoscitivo, é um empenho organizativo e também efetivo.

Isso é como, de fato, tender, concretamente, ao bem comum de nosso povo.

**IHU On-Line**- A ausência do bem comum, então é fruto da incoerência?

**Dom Luciano Mendes de Almeida** - É necessário constatar que houve falhas, e graves, na prossecução do bem comum. Por exemplo, quando aqueles que exercem o poder do estado visam a vantagens pessoais, familiares, grupais e perdem de vista a promoção do bem do povo. Outra consequência é a do exercício do poder. Procurar vantagens pessoais de permanência no poder, mesmo quando não há mais condições para exercer o cargo com eficiência. Assim, a reinvenção do bem comum coincide com a clareza na determinação desse bem comum e a coerência na promoção daquilo que se pretende.

**IHU On-Line** - Que caminhos concretos a Igreja está tomando nesse processo de reinvenção do bem comum?

**Dom Luciano Mendes de Almeida** - Exemplo concreto na atual conjuntura do Brasil é o empenho, para que se promova a superação da miséria e da fome. Por que esse empenho? Porque constatamos que grande parte da população não tem alimento em quantidade e qualidade suficiente para se desenvolver. Então, promover o bem comum, como uma exigência primária, é garantir esse alimento e os caminhos que a ele levam na sociedade. O mutirão nacional torna-se um exemplo de como buscar, reinventar, assegurar o bem comum. Isso vale, também, para a área da saúde, da educação, da segurança pessoal e, portanto, das condições habitacionais, terra, água....

**IHU On-Line** - Qual seria a missão da Universidade na construção do Bem Comum?

**Dom Luciano Mendes de Almeida** - O atual Simpósio que está sendo promovido pela UNISINOS, demonstra uma oportunidade, para que os universitários possam se comprometer com a promoção do bem comum. Os conhecimentos de ordem intelectual, técnica e as experiências de nível de vivência comunitária, as ocasiões de desenvolver a pesquisa científica, tudo tem motivação razoável e pertence à finalidade da Universidade. No entanto, a própria Universidade está voltada para o serviço da população. A edificação de uma sociedade fraterna, a consolidação da justiça. Isso é a Universidade, lugar prioritário de integração entre os fatores de aprimoramento intelectual da pessoa, concretamente a comunidade universitária, e a corresponsabilidade na promoção das condições dignas de vida para a população. Muito se tem feito, nos últimos anos, para explicitar a dimensão de serviço que cabe à universidade em relação à totalidade do povo. Isso vale mais ainda, onde a desigualdade é gritante e para ser superada requer uma dedicação e uma competência maior daqueles que têm acesso à cultura e aos meios para promovê-la no país.

**IHU On-Line** - O senhor vê que há uma tendência para essa missão nas universidades brasileiras?

**Dom Luciano Mendes de Almeida** - Em muitos setores, nestes últimos anos, a universidade tem se adiantado a outros setores da sociedade. Por exemplo, em estudos habitacionais, de pesquisa nutricional, de promoção de uma economia ecologicamente sustentável, de aprimoramento das relações sociais, em especial, na busca de formas mais interativas da democracia participativa e outras iniciativas. Essas têm sua origem e seu incremento exatamente no ambiente universitário. Uma universidade a serviço é sempre uma universidade com os olhos

voltados para a dignidade da pessoa e a promoção e resgate dessa dignidade onde estivesse prejudicada e vilipendiada. Acredito que, no Brasil de hoje, cabe à universidade, e a UNISINOS nos dá exemplo disso, uma missão de vanguarda na construção da sociedade solidária.

**IHU On-Line** - Há quem veja na Igreja Católica no Brasil uma forte influência sobre a sociedade, especialmente no que diz respeito à defesa dos direitos humanos e correponsabilidade na criação e ação de tantos movimentos sociais e políticos. O Sr. concorda?

**Dom Luciano Mendes de Almeida** - Não se trata de colocar em evidência a atuação da Igreja, mas de observar e constatar objetivamente os agentes, e agentes transformadores, da nossa sociedade nos últimos decênios. É preciso recordar os tempos de restrição da liberdade durante o período do governo militar e captar a ânsia de liberdade e de reconhecimento da dignidade da pessoa humana. Entretanto, mesmo com tortura e com perseguição foi preciso seguir se empenhando na realização de uma sociedade de direito. Todos aqueles decênios procuraram fazer a sua parte.

**IHU On-Line** - Destacaria alguém em especial?

**Dom Luciano Mendes de Almeida** - Os tempos são ainda recentes. Temos presentes alguns nomes. Lembramos a pessoa de Dom Hélder Câmara, Dom Avelar Brandão, Dom Paulo Evaristo Arns e outros do clero e do laicato cristão. Constato com gratidão a Deus, que muitos dos agentes transformadores daquela situação eram pessoas comprometidas com a sua fé e o testemunho cristão. Deram prova de coerência na sua cidadania à luz do evangelho. Esta atuação da Igreja

aconteceu em comunhão com a dedicação corajosa de vários outros setores da sociedade. De minha parte, agradeço a Deus por aqueles tempos. Pude verificar a coragem e o empenho que nasce da fé em Jesus Cristo e das convicções que esta fé desperta no coração dos que querem viver a radicalidade do compromisso fraterno. Isso nos faz pensar naqueles que passaram pela perseguição, pela incompreensão e que estão na base destes anos atuais. Mesmo com muitas limitações, temos que nos alegrar com a efetivação dos processos democráticos, de eleição, de participação política, de liberdade de expressão e também da força dos movimentos populares. Eles, realmente, foram os grandes protagonistas destas conquistas. Neles, como a história o demonstra, sempre houve a participação da militância cristã.

**IHU On-Line** - Como o senhor vê o processo eleitoral que se aproxima?

**Dom Luciano Mendes de Almeida** - Penso que é opinião comum que, apesar da proximidade da data das próximas eleições, estamos em atraso quanto à definição dos programas partidários, para que possam ser analisados pela sociedade e por cada eleitor. É, sim, um tempo de democracia, mas como um terreno preparado para a semente, parece que a semente ainda é parca e não cresceu suficientemente. É o momento de unir forças de inteligência, de devotamento patriótico, para, a curto prazo, criar as condições de trabalho e de participação política, de redistribuição de renda e de acesso da população a condições dignas de habitação e saúde. Isso tudo, evitando aspectos de dominação econômica e também garantindo os valores culturais próprios de nosso povo.

## Deputado do Parlamento Europeu abre Simpósio

O Deputado do Parlamento Europeu (Bruxelas - Bélgica) e ex-diretor geral da Organização Internacional do Trabalho (OIT), Michel Hansenne proferiu a conferência de abertura do Simpósio Nacional Bem Comum e Solidariedade. Doutor em direito e licenciado em ciências econômicas e financeiras, casado e pai de dois filhos, M. Hansenne discorreu sobre a crise sócioeconômica do mundo, hoje: desafios e perspectivas.

Para o parlamentar belga, vivemos uma época de mundialização, com um único modelo econômico. Neste processo, um dos desafios é encontrar instâncias controladoras, que assegurem o que ele chama de "governança mundial". A seguir uma entrevista onde o conferencista apresenta sua visão das transformações no mundo do trabalho, o que isso acarreta ao trabalhador e do que ele resente nos atuais discursos sociais, em termos de política.

*IHU On-Line* - Quais as causas da crise socioeconômica do mundo de hoje?

**Michel Hansenne** - O que é crise? Se consideramos crise como o conjunto de transformações tecnológicas, sociais e ecológicas, hoje suas causas são as transformações internacionais: a mundialização da economia. As causas da mundialização são o final da guerra fria, um único modelo econômico adotado por todos os países (economia de mercado), todas as transformações tecnológicas e a transmissão de informações (modelo que favoreceu essa evolução). Muitos países consideraram que, para eles, seria interessante a abertura de suas fronteiras, fortalecimento da OMC. Tudo isso está criando uma economia de mercado com dimensões mundiais. Os países que praticaram a economia de mercado há um século, sabem que isso traz vantagens e desvantagens. Não se conhece outro modelo para a produção de riqueza. Não atentos, isso cria mais desigualdades de renda, de poder, criando crises. O desafio de hoje é como chegar a um controle suficiente dessa economia mundializada. Como chegar a uma governança mundial?

*IHU On-Line* - Como a governança mundial pode ser uma perspectiva alentadora?

**Michel Hansenne** - Ela se refere à idéia de um governo mundial sem governo. Um problema que se apresenta é fazer os países aceitarem certa perda de soberania e uma série de exigências mundiais. A Organização Mundial do Comércio (OMC) pode ser apontada como um exemplo. Os membros da OMC decidiram aceitar algumas regras comuns e têm um organismo que permite superar os conflitos e tensões por meio do direito. Essa instância dá uma idéia do que poderia representar uma governança mundial. Porém, resolver somente os problemas do comércio é

insuficiente. Muitas manifestações mundiais, como o Fórum Social Mundial de Porto Alegre, mostraram que as organizações querem mais que a regulação dos fluxos comerciais e que seriam necessárias regras comuns no campo do trabalho, do meio ambiente e outros. Mas, esses organismos precisam ser criados. Resumindo, diria que precisamos encontrar valores comuns para o conjunto da humanidade. Isso é um desafio para o século XXI: construir um conjunto de instrumentos que permitam um melhor controle da economia mundial. Precisamos estabelecer um grupo de pilotagem da governança mundial. Atualmente, são oito, mas não representam o conjunto do planeta. Teríamos de ampliar o G-8 para 25. Alguns pensam na criação de um conselho de segurança econômica. Esse grupo não tomaria decisões, mas apontaria direções.

***IHU On-Line*** - Que leitura o senhor faz da transformação da estrutura do trabalho?  
**Michel Hansenne** - É difícil dar uma resposta séria a uma questão tão ampla. Hoje temos uma multidão de mercados de trabalho com seus problemas específicos. Duas palavras. A primeira: não existe razão para não crermos que o pleno emprego seja um objetivo tangível. Cada país e cada região precisam ver o que podem fazer. A segunda: nos países industrializados e países emergentes, como o Brasil, vivem-se transformações profundas no trabalho. O modelo da sociedade industrial está desaparecendo.

***IHU On-Line*** - Quando o senhor fala de transformação profunda do trabalho, o que quer dizer?

**Michel Hansenne** - Veja. Presenciamos a terceirização da sociedade, os empregos novos e os empregos de amanhã são e serão empregos de serviços, tanto para as pessoas quanto para as empresas. Eles correspondem a uma demanda dos consumidores que podem pagar. Esses se tornam exigentes e exercem pressão no mercado do trabalho para serem satisfeitos. Para responder a essas demandas, as empresas se reorganizam e centram-se sobre o núcleo da sua especificidade e produção. Querem responder com mais velocidade e qualidade. Essa pressão do mercado recai não apenas sobre a empresa, mas também sobre o trabalhador.

***IHU On-Line*** - Em que aspectos aparece essa pressão sobre o trabalhador e o que acarreta?

**Michel Hansenne** - Na sociedade industrial, a pressão era sobre o conjunto da empresa, era o grupo que respondia como conjunto e cada empregado tinha um trabalho integrado. Hoje, a pressão é sobre cada trabalhador. Significa uma desigualdade nas rendas, porque se trata de valorizar o valor agregado de cada trabalhador. Os elementos que tentavam favorecer a integração e a homogeneização vão desaparecendo. Significa uma ampliação da desigualdade entre os trabalhadores. As relações entre trabalhadores e empresa diversificam-se muito neste tipo de contexto. Antes, o modelo era o trabalho para tempo indeterminado. Hoje, temos grande diversificação no estatuto do trabalho. Outro elemento é que, no contexto da terceirização ampliada, a exigência de qualificação cresceu e, com ela, a boa utilização do capital humano. Neste sentido, a administração dos recursos humanos é uma nova dimensão na organização do trabalho. Todos os que não têm capacidade de se formar ou adaptar são excluídos. Se, no começo da sociedade industrial, o principal era a utilização de grande massa de trabalhadores e a

exploração dessa força de trabalho, hoje, o perigo é dispensar grande número de trabalhadores sem qualificação. Com isso, neste contexto de transformação do trabalho, a responsabilidade dos estados é mais importante que no passado.

*IHU On-Line* - Em termos políticos, quais os grandes temas que estão fora dos discursos sociais?

**Michel Hansenne** - Um dos grandes temas é a articulação entre o nacional e o internacional e a responsabilidade do estado, como ator nacional e elemento do internacional. A questão é como articular essas dimensões. Para representarmos o estado atual, usamos como exemplo a imagem mitológica de Janus, que tem dois rostos: um para dentro e outro para fora. Mas, é o mesmo, sem ignorar o outro. O estado não pode dizer: a causa é o mundial. Hoje, o desafio é mostrar aos cidadãos que o estado tem uma responsabilidade nacional, mas precisa situar-se no contexto mundial.

*IHU On-Line* - A ação política tem espaço neste novo desenho?

**Michel Hansenne** - O que me impressiona é ver que a maioria dos estados e suas forças políticas, salvo algumas exceções, integraram mal essa nova dimensão mundial. Isso não significa que estão atrasados em termos de política externa. O problema é que eles não sabem administrar a economia mundial. É surpreendente ver que, em quase todos os países, é a sociedade civil que explica à opinião pública o que é essa economia mundial. E mais. As pessoas têm o sentimento de que os governos não levam em conta suas preocupações e medos; que as ONGs são as únicas capazes de atendê-las e considerá-las. Isso fomenta um descrédito em relação à política. Por isso, um dos desafios da democracia no século XXI é integrar esses novos elementos e atores da sociedade civil. Por isso, como fazer surgir o tema do bem comum na sociedade civil, hoje?

*IHU On-Line* - Em que essa problemática desafia as universidades?

**Michel Hansenne** - O desafio de uma universidade é entender os problemas da sociedade. Diante das mudanças, uma universidade deve promover reflexões e estudos para adaptar-se às transformações que estão ocorrendo.

## **A economia e o Bem Comum**

A economia e o bem comum. Por uma sociedade economicamente justa foi a segunda conferência do Simpósio. O economista e professor na Universidade Federal de Santa Catarina, Armando Melo Lisboa contextualizou o atual panorama de crise do sistema capitalista e problematizou o termo economia solidária. Para o conferencista, é necessário uma socioeconomia solidária e que, no novo paradigma civilizacional, um dos eixos deve ser a solidariedade.

A seguir publicamos uma entrevista com Armando Melo, na qual ele nos fala sobre economia solidária, o desafio de construir categorias que dêem conta das práticas

alternativas de produzir, consumir e viver postas há muito tempo e as suas esperanças de um futuro melhor.

***IHU On-Line*** - O que é economia solidária?

**Armando de Melo Lisboa** - Ela se refere a práticas de produção e consumo, práticas econômicas, que procuram ter um caráter mais humano e assumir uma dimensão de autogestão para o interior dessa prática, democracia radical. Internamente, uma dimensão de autogestão. Externamente, uma procura de mais interfaces, parcerias, de trabalhar em redes contadas em empreendimentos semelhantes, para a construção de uma rede de empreendimentos que teriam essa experiência de autogestão. Em essência, economicamente, é uma forma de economia em que a dimensão humana e ética estão fortemente presentes.

***IHU On-Line*** - Em que essa economia se diferencia da economia capitalista?

**Armando de Melo Lisboa** - A economia capitalista típica despreza esse tipo de preocupação e busca puramente a lucratividade e eficiência. A economia solidária não despreza a busca de eficiência, mas a relativiza, em termos sociais e éticos.

***IHU On-Line*** - Podemos dizer que a economia solidária é um tipo de comunitarismo?

**Armando de Melo Lisboa** - Comunitarismo é uma palavra sujeita a várias conotações. O comunitarismo, movimento filosófico, que vem dos países de primeiro mundo, tem reflexões mais conservadoras. O comunitarismo da economia solidária não se confunde com isso. A economia solidária tem uma dimensão mais comunitarista, porque, numa vida comunitária, brota mais facilmente a dimensão da solidariedade. As experiências das práticas econômicas solidárias populares, a vertente popular da economia solidária, nascem de práticas comunitárias, de pessoas que têm uma dimensão comunitária em suas vidas, seja religiosa, seja cultural, seja regional. Uma cabeça mais espacial ou cultural. Então, podemos dizer que a economia solidária se alavanca numa vida mais comunitária e cruza-a. Ela quase que exige a recolocação do indivíduo como pertencente a um grupo, a uma tribo. O indivíduo não está mais isolado como acontece na economia capitalista típica.

***IHU On-Line*** - A economia solidária é uma alternativa para a crise do capitalismo ou é um voltar a uma economia pré-capitalista?

**Armando de Melo Lisboa** - Diria que, na economia solidária, há uma recuperação de elementos de práticas antigas. Por exemplo, ela está em linha direta com o movimento socialista, com o movimento cooperativista e com as práticas de autogestão. Socialismo, Cooperativismo e Autogestão já aconteceram na primeira metade do século XIX. São reações ao capitalismo já no seu nascimento. O que nós chamamos de economia solidária, antigamente, se chamava de Socialismo, Cooperativismo, Autogestão. Ela está em linha direta com práticas e tradições que existem há 200 anos. Porém, por estarmos reconstituindo isso como economia solidária, sinaliza que há insuficiências nas antigas denominações para rotular, qualificar, denominar o que hoje estamos fazendo. Inclusive para denominar o peso que carrega a palavra Socialismo e as controvérsias que essa expressão acarreta. Há elementos novos que não foram pensados pelas tradições antigas e novos desafios

aos quais as experiências antigas não dão respostas. Daí que a expressão economia solidária surge, reconceituando antigas tradições. É uma resposta a novos desafios.

*IHU On-Line* - Poderíamos dizer que economia solidária ou solidariedade poderia ser um eixo dentro do que vem sendo apontado como novo paradigma civilizacional?

**Armando de Melo Lisboa** - É neste contexto que a economia solidária se apresenta. Ela não é uma mera resistência ao desemprego, ao setor da crise, uma reação à exploração, colocada nos interstícios do capitalismo que não permite a inclusão das maiorias. Na verdade, ela se apresenta como eixo de uma outra economia, de uma outra sociedade, de uma outra civilização. Nós vivemos uma transformação civilizacional decorrente dos novos paradigmas tecnológicos, científicos, de uma nova subjetividade, relações insustentáveis entre nações, possibilidade da destruição de tudo. Isso configura uma transição civilizatória e economia solidária e solidariedade se torna um eixo de uma nova cultura, de uma outra economia e de uma outra civilização. Solidariedade é uma palavra de muita ressonância. Solidariedade é um conceito complexo e diz respeito a segredos profundos do ser humano. Mas é importante perceber que a civilização que está emergindo não será puramente solidária.

*IHU On-Line* - Na sua opinião, quais seriam outros eixos importantes nesta nova configuração?

**Armando de Melo Lisboa** - A trilogia colocada pela Revolução Francesa (Liberdade, Igualdade e Fraternidade) são os eixos já colocados no final do século XVIII. O que chamamos de solidariedade é uma forma secular do que antigamente se chamava fraternidade. A liberdade possibilita práticas de mercado, competição, afirmação do indivíduo, as liberdades individuais e sociais. A igualdade, a dimensão da sociedade, da comunidade, do estado, das políticas públicas. A fraternidade, o ser humano inserir-se comunitariamente, a reciprocidade vital, o elo entre a liberdade do indivíduo e a igualdade social mais ampla.

*IHU On-Line* - Está sendo elaborado um dicionário com verbetes relacionados à temática da economia solidária. O que traz de desafios para a academia a temática economia solidária?

**Armando de Melo Lisboa** - É verdade que o dicionário A outra economia está sendo elaborado. E a economia solidária é uma das práticas, talvez a mais relevante dessa outra economia. Porém ela não é a única, até porque há as práticas do Cooperativismo, da Autogestão e outras que não se reconhecem neste conceito de economia solidária. Quanto aos desafios para a academia, diria que é construir essas categorias, porque as práticas alternativas de produzir, consumir e viver existem há muito tempo. O que não existe ou está debilmente colocado são os conceitos que dão suporte e força a essas práticas. A teoria econômica e o pensamento social acumulado, de modo geral, são forjados de acordo com a visão racional moderna. Têm pouco presente, refletem pouco essas práticas alternativas, carecem de um paradigma teórico que esteja em contato com elas, que ajude abrir caminho para elas e fortalecê-las. Precisamos de uma economia que conjugue a ambígua condição humana (ser humano que tem fortemente presente a animação do indivíduo, e de



um certo egoísmo, por um lado, e da fraternidade, da generosidade, por outro) e não só a dimensão competitiva.

*IHU On-Line* - Você é otimista em relação à possibilidade de um outro mundo?

**Armando de Melo Lisboa** - Sem dúvida. Onde está presente o ser humano, está presente a esperança. Se não acreditarmos num outro mundo nos asfixiaremos num mundo sem sentido. É evidente que o nosso mundo não nos satisfaz. Sabemos do absurdo dele e acreditamos em algo melhor, apoiado na esperança mais ampla e nas práticas, ainda que pequenas e frágeis. E a essas eu, você, já podemos aderir e delas participar.

## Por uma sociedade politicamente democrática

No dia 27, último dia do Simpósio Nacional do Bem Comum: por uma ética na política e na economia, o Prof. Dr. Renato Janine Ribeiro apresentou o tema A política e o Bem Comum: por uma sociedade politicamente democrática. Renato Janine Ribeiro é professor de Filosofia da USP, com mestrado na Sorbonne e doutorado na USP. É autor de livros como *Ao leitor sem medo. Hobbes escrevendo contra o seu tempo*, Ed. UFMG, esgotado. Outro livro importante, sobre o tema da conferência do Simpósio, é *A sociedade contra o social. O alto custo da vida pública no Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2000. Mais recentemente, Renato Janine Ribeiro publicou dois opúsculos na coleção *Folha explica*. Um é *A democracia*, e o outro, *A República*. Os dois foram publicados pela Publifolha, São Paulo, 2001.

*IHU On-Line* conversou com o filósofo sobre os diversos assuntos abordados no Simpósio.

*IHU On-Line*- A Política o levou à Filosofia ou a Filosofia o fez entrar na Política?

**Renato J. Ribeiro**- As duas coisas vieram juntas. Quando comecei a cursar Filosofia, em 1968, me apaixonei pelas aulas sobre Tomas Hobbes. Ele não diz que o poder é maravilhoso e vai deixar todo o mundo feliz, ele diz que o poder é um monstro. O poder vai contra a natureza humana, mas ele é a condição necessária para que nós sobrevivamos. Então não existe nisso nenhum embelezamento, como dará a entender depois John Lock. É uma lição muito dura, expressa com todas as letras, sem nenhum disfarce. Por isso achei fascinante. E desde então as questões do poder me interessaram muito. Na verdade, eu estou colocando um pouco disso em cheque. Estou me perguntando se, no tempo em que estamos vivendo, a política vai ter lugar, que tipo de política seria. Pode ser que mude.

*IHU On-Line*- Como poderia caracterizar essa nova política?

**Renato J. Ribeiro**- Nós vivemos numa sociedade muito avançada naquilo que chamamos de vida privada, mas que é muito mais complexa do que "vida privada".

Essa palavra para muitos têm até um sentido pejorativo. No meio em que vivo, entre o público e o privado, a maioria das pessoas acha o público superior ao privado. Não deixa de ser verdade que o lugar em que as pessoas se recompõem das agruras da vida é o lar, a vida privada, o espaço íntimo, a solidão. Há muito do que a gente chama de vida privada que pode não ser vida privada e sim vida íntima, mais calorosa, mais afetuosa. O que eu estou me perguntando é o que está mudando nisso tudo e qual o processo pelo qual a dimensão pública está perdendo seu alcance. Não posso defender a esfera pública como um fim em si. Eu defendo a coisa pública, quando produz determinados resultados positivos para a sociedade. O desafio hoje é: É possível chegar a esses resultados sem ser pela coisa pública? É possível eu produzir mais felicidade? Não estou falando de produtos materiais, morais. É possível alcançar outra via? Não sei. Estou com muita dúvida disso. O público é um lado que possibilita um contato com o outro, num espaço que não é nem meu nem teu e desenvolve uma sensação de pertencermos todos à mesma coisa, e isso é muito positivo do ponto de vista da felicidade das pessoas.

**IHU On-Line-** O Sr. faz uma crítica aos estudiosos que só se preocupam com a eficiência das instituições democráticas, mas não têm um projeto. Qual seria o seu projeto e qual a sua viabilidade?

**Renato J. Ribeiro-** Eu não sei quanto possa ser viável, sei que é necessário. Eu acho que o autoritarismo tem um impacto afetivo muito grande. O afeto, na sociedade brasileira, funciona muito bem pela via autoritária. É muito comum dizer que crianças, empregados, alunos, subalternos em geral preferem uma autoridade forte à liberdade. É muito comum dizer: "Este aqui está querendo limite, um poder acima dele". Isso converge com o modelo de muitas figuras políticas muito fortes no Brasil. Figuras que representam uma ligação fortemente afetiva e autoritária. O caso típico de Antônio Carlos Magalhães, na Bahia, talvez Paulo Maluf, em SP. Figuras políticas relevantes no país que conseguem uma ligação afetiva muito grande dos seus eleitores com eles, mas só o conseguem por meio do autoritarismo. Se você olhar por outro lado, o que o PSDB representa: é um partido que sempre coloca no seus cartazes: seriedade, honradez, competência; nada disso é afetivo. Isso é muito prosaico, muito racional. Ele não consegue entusiasmo com seus candidatos, os autoritários conseguem.

**IHU On-Line-** Haveria então uma ligação entre afeto, autoritarismo em oposição à democracia?

**Renato J. Ribeiro-** Eu acho que existe uma ligação entre afeto e autoritarismo na nossa experiência histórica. Para quebrar essa relação e proporcionar uma ampliação da democracia, parece-me que nós deveríamos produzir uma ligação entre afeto e democracia. É por isso que vale a pena pesquisar intensamente o que há de autoritário no afeto. Ora, há afetos públicos e afetos privados, mas são todos afetos. Por isso é importante trabalhar no campo do afeto privado, das relações de amor, de amizade na família, porque se enfrentarmos isso, teremos mais condições de minar as bases do afeto autoritário na vida pública.

**IHU On-Line-** Durante sua conferência o Sr. mencionou a ineficácia dos presídios e sistemas de punição. Essa ampliação da democracia teria uma outra proposta?

**Renato J. Ribeiro-** Parece-me que o sistema punitivo é demasiado punitivo e pouco educativo. Há uma observação de Levi Strauss que diz o seguinte: "as sociedades modernas são antropoémicas,( a palavra correspondente é emético) e os índios são antropofágicos. Antropoémico quer dizer alguém que expele, como emético, como vomitivo. É o que nós fazemos com o delinqüente, nós o expelimos, o excluimos, o trancafiámos. A sociedade de origem antropofágica incorpora o delinqüente. Por exemplo, em certas sociedades indígenas, quando alguém mata uma pessoa, esse alguém recebe em casamento uma parenta daquele que matou para gerar um filho no mesmo clã dela. Ele é integrado, em vez de ser excluído.

*IHU On-Line-* Seria uma forma autoritária de resolver os conflitos?

**Renato J. Ribeiro-** Por isso cabe a pergunta: "Como nós podemos fazer para resolver conflitos e até crimes de uma maneira que integre em vez de excluir, não chegando ao ponto de premiar?" Aí entra de novo o autoritarismo nas relações e a questão da violência doméstica. Lida-se muito mal com a violência doméstica, porque, se uma mulher apanha e ela vai à delegacia, já está desfazendo o laço conjugal, que pode existir apesar da surra. A mulher, que é a vítima, ela fica com um peso tremendo entre ter que escolher. Se ela faz o caminho "certo", ela vai pôr fim ao casamento. Uma pessoa que está fragilizada, tem ainda por cima que tomar uma decisão difícil. Nesses casos, deveríamos ter instâncias mais informais e não punitivas de solução de conflitos. Acho que, de alguma maneira, todos os procedimentos de conciliação e arbitragem vão numa direção próxima. Como pensar um outro paradigma para as situações conflituosas que, em vez de agravar, ajudem nos relacionamentos?

*IHU On-Line-* Uma de suas afirmações durante o Simpósio foi a necessidade de substituir uma moral kantiana por uma moral que se preocupe com os resultados, que se preocupe não somente as ações, e sim com os resultados dessas ações. Trata-se de uma nova percepção compartilhada por outros pensadores?

**Renato J. Ribeiro-** Na verdade, está havendo uma mudança na leitura de Maquiavel. Até metade do século XX, é um autor associado à defesa da amoralidade. Diz que a política é contrária à moral. De repente, por meio de alguns autores, muda-se essa perspectiva de Maquiavel e passa-se a pensar que ele defende, sim, uma moral. O que me chamou muito a atenção foi o comentário de Maurice Merleau-Ponty, segundo o qual nenhuma moral conseqüente de nosso tempo pode abrir mão de levar em conta os resultados prováveis dessa ação. Não simplesmente dizer: "Não matarás, Não furtarás, etc.", e sim me perguntar pelos resultados dessa ação. Sou responsável não só pelo ato imediato, mas pelos resultados. E aí de fato Kant tem um oponente em Benjamin Constant, que dá o exemplo do assassino que pergunta a alguém onde está a pessoa que ele quer assassinar. Constant diz que a pessoa, se é interrogada, deve mentir, e Kant tem dificuldade de lidar com esse problema e diz que a pessoa não deve mentir, porque a mentira violaria as bases das relações sociais que é a confiança. Assim, entrega uma vítima ao seu assassino. O que é interessante dessa nova leitura de Maquiavel: se eu sou responsável pelas conseqüências, agir moralmente fica muito mais difícil, porque eu preciso, não só fazer o imediato, mas pensar no que vai acontecer depois. É uma postura mais madura, mais responsável.

**IHU On-Line-** E como deveriam ser as universidades para que as pessoas que nelas estudam aprendam a viver em democracia e a construam?

**Renato J. Ribeiro-** Eu acho que as universidades devem dar uma formação menos profissionalizante. O profissionalizante deveria ser restrito àquelas dimensões em que ele é realmente imprescindível. Um médico ou um engenheiro devem ser muito bons na sua profissão. Agora, em outras profissões, as vezes é mais importante a pessoa ter uma capacidade de orientar-se em geral, do que o detalhamento da rotina. Alguns cursos levaram a rotina a um detalhe muito grande. É o caso do jornalismo, por exemplo: ensinar técnicas de trabalho que variam de empresa para empresa. Depois de formado, a empresa que contratar o profissional vai ensinar-lhe, em um mês, a técnica. Acho que o ensino universitário deve apontar mais para a formação do que para o treinamento. E deveria ser uma formação muito crítica, muito escorada em grandes autores para formar pessoas que sejam capazes de contestar e contextualizar as suas experiências do mundo.

**IHU On-Line-** Em que se diferencia a situação atual da Argentina da realidade brasileira? O que pode ter ajudado o Brasil a não ir tão longe?

**Renato J. Ribeiro-** É assustador ver que a Argentina é um país de um nível cultural muito alto, bem superior ao do Brasil, na média. Isso indica que todo o discurso corrente sobre a importância da educação não é verdadeiro. Tentamos dizer aos jovens que eles têm que estudar. Temos que capacitar as novas gerações. Isso tudo a Argentina fez. Há um problema econômico sério no país, mas, acoplado a isso, há um problema de outra ordem; de dependência mesmo. As pessoas aceitaram o que os consultores internacionais mal intencionados ou mal informados pregavam, engoliram tudo isso e venderam todo o seu patrimônio. O Brasil não cometeu esse erro.

**IHU On-Line-** Como caracterizaria o cenário eleitoral atual?

**Renato J. Ribeiro-** É inegável que o candidato Lula está conseguindo um arco de apoio maior e uma resistência menor. Isso é interessante, porque significa que, no Brasil, o preconceito de classe está diminuindo, a esperança de mudança está crescendo e o medo de que essa mudança seja catastrófica se está perdendo. Agora, não deixa de ser verdade que, com a crise econômica, sobretudo com os ataques especulativos ao real, muita gente passa a ter medo do que possa acontecer se esses ataques se generalizarem no caso de um governo Lula. A isso eu respondo que o ataque especulativo não é político, é um ataque de especuladores. Provavelmente eles atacam Lula se acharem que ele deu calote, etc. Mas, provavelmente, também atacam o Serra, se for eleito. Por isso acho que não devemos levar muito a sério.

**IHU On-Line-** O Sr. vê propostas claras e diferenciadas nos diversos candidatos?

**Renato J. Ribeiro-** Os projetos dos candidatos Serra, Lula e Ciro Gomes são projetos bastantes consistentes. O projeto do Serra é de redução da vulnerabilidade externa, que é um dos erros de Fernando Henrique. É um projeto de maior investimento no setor social, mas sem quebrar o que Fernando Henrique trouxe de estabilidade monetária e de vínculo comum empresarial. Claramente o governo que se está encerrando, celebrou uma aliança entre a antiga esquerda, cada vez mais moderada, com o mundo do capital. O passo adiante que Serra pretende é o de transferir esses eixos monetários para esferas econômica e social. Certamente o

Governo Serra vai estar mais ligado ao capital que o governo Lula. O governo Lula vai estar mais ligado ao trabalho e ao pequeno capital. Ele pretende utilizar as instituições públicas de fomento para financiar pequenas empresas, o que o governo federal não está priorizando atualmente. E se você pedir dinheiro aos bancos oficiais, o mesmo dinheiro que usaria para comprar uma estatal, você emprestar para uma multidão de pequenos e médios empresários, você tem um efeito multiplicador muito maior. Nesse sentido é que o projeto do PT é, claramente, mais social que o projeto de Serra. Devagar, sem exagero, sem romper com o que hoje existe, fazer coisas, que são poucas, mas é melhor do que nada. E fazer com segurança. O que o PT disse é: "Não vamos fazer pouca coisa, vamos fazer tudo o que pudermos". São dois bons candidatos. Nenhum deles é um Collor, nem um bandido, nem um autoritário.

**IHU On-Line-** E o que o Sr. acha de Ciro Gomes e Anthony Garotinho?

**Renato J. Ribeiro-** O discurso de Ciro Gomes lembra muito, sob vários aspectos, o discurso dos tucanos, só que com uma promessa de mais competência e mais arrojo. Parece pouco. Ele tem formação econômica, fala bem, aparentemente conhece o assunto. Temos dois, talvez três candidatos capacitados. Garotinho eu não acho um bom candidato. Tem, realmente, muito elemento populista, com um elemento autoritário embutido. E o que ele fez na segurança no Estado de Rio, demitindo o colaborador mais cheio de idéias que ele tinha, Luis Eduardo Soares(???), que veio para cá, para RS. Isso achei muito ruim. Entre os candidatos, há propostas claras. Agora, está havendo um ataque especulativo contra o real e provavelmente se acirrará se Lula for eleito, mas isso ocorreria e continuaria ocorrendo em qualquer circunstância.

**IHU On-Line-** E a sua estadia na UNISINOS?

**Renato J. Ribeiro-** É a segunda vez que venho a esta Universidade. Desta vez, pude acompanhar mais os trabalhos que da primeira vez. Gostei muito do Instituto Humanitas Unisinos, ou seja, da idéia de um Instituto que procure examinar as questões da ética e do mundo do trabalho e pensar a Teologia em relação com o social. É uma posição muito positiva.

## Oficinas elaboram Cartas abertas

As Oficinas sobre *O papel da Universidade na Construção de um projeto para o Brasil* e *“A água. Bem público comum.”* elaboraram dois documentos finais apresentando algumas decisões dos participantes.

## **CARTA ABERTA SOBRE O PAPEL DA UNIVERSIDADE NA CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO PARA O BRASIL.**

Colocados em face da questão "Que Brasil queremos para o Século XXI?" e daquela outra que indaga sobre se a "equação Universidade = Desenvolvimento é precedente" os participantes da oficina "O Papel da Universidade na construção de um projeto para o Brasil" decidiram, ao termo de suas discussões, redigir o seguinte manifesto-tese, acompanhado de seis informações, uma reafirmação e uma proposta.

Considerando ser a Universidade o espaço por excelência de acesso à produção de conhecimento e de iniciação às práticas políticas,

afirmamos que a Universidade precisa:

1. abrir-se à diversidade, longe do pensamento único;
2. dialogar com o mundo social considerado como sujeito;
3. assumir sua vocação de envolvimento social e ação comunitária;
4. produzir conhecimento comprometido, que, longe de asséptico, tenha sabor de realidade;
5. lutar por sua autonomia de pensamento e ação;
6. atender não apenas às necessidades pragmáticas, mas às do todo pessoal e comunitário;

reafirmamos sua responsabilidade

com o projeto de construção do país e da formação integral do ser humano, numa dimensão de cidadania participativa;

propomos

um esforço decidido e decisivo de a sociedade e o governo impedirem que organizações nacionais e internacionais transformem a educação em simples e chã mercadoria.

Unisinós, São Leopoldo, RS, 25 de junho de 2002.

## **CARTA ABERTA SOBRE A ÁGUA**

Os participantes da Oficina "*Água: Bem Público Comum*", no dia 26 de junho de 2002, dentro de uma das atividades do Simpósio Nacional Bem Comum e Solidariedade, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, localizada em São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil, após rica troca de idéias, entenderam ser de responsabilidade do Simpósio juntar a sua voz a muitas outras que clamam,

no mundo inteiro, pela defesa da água como bem comum fundamental aos seres vivos.

Sabe-se que o entendimento da água como bem comum e o engajamento pela sua preservação e utilização adequada dependem de um esforço cultural de todos, tanto no que diz respeito a hábitos e comportamentos no cotidiano, onde cada um é sujeito da preservação desse recurso natural, quanto no que diz respeito ao estabelecimento de ordenamentos públicos socialmente aceitos.

O grupo que debateu o assunto é bastante diversificado, apresentando diferentes engajamentos, e as proposições aqui expressas refletem, de certa forma, as suas preocupações:

- Estabelecer um Código de Ética que garanta os direitos e que determine os deveres das populações locais em relação ao uso e aproveitamento da água e das autoridades constituídas em relação ao gerenciamento eficaz desse bem comum;
- Investir na capacitação de profissionais do meio ambiente;
- Incentivar programas de educação ambiental, voltados para os recursos hídricos, para escolas de ensino básico (fundamental e médio);
- Formar, no povo, especialmente na população agrícola, a consciência do risco de poluição das águas superficiais e subterrâneas pela utilização de agrotóxicos;
- Apoiar os comitês de bacias hidrográficas e as Organizações Não-governamentais, voltadas para o gerenciamento dos recursos hídricos, ajudando-as a integrar, em seus planos de ação, a conscientização do povo e a sua mobilização pela efetivação do amparo jurídico e político já existente e pela preservação das fontes naturais e córregos;
- Conscientizar os indivíduos e a sociedade civil e política da necessidade de ação, de cooperação na gestão da água, estabelecendo princípios e adotando os meios necessários para a prática da participação do maior número possível de pessoas e comunidades no cuidado da água e nos benefícios que ela proporciona a todos os seres vivos;
- Fazer cumprir a lei que consagra a água como direito e bem comum, promovendo o reconhecimento dos limites naturais da água por meio de fóruns e outros espaços públicos de discussão, bem como da criação de políticas concretas voltadas para isso;
- Requerer ao poder público o cumprimento do princípio de que "Água é um Bem Comum", ressaltando que os próprios governantes são os principais responsáveis para tornar esse bem algo real para o povo, não permitindo a privatização da água nem de sua gestão;
- Criar um Conselho com representantes de diversos setores da comunidade que acompanhe os governos (executivos e legislativos) municipais, estaduais e federais no andamento de projetos relativos ao meio ambiente, em geral e à água, em particular.



Foi muito interessante. Através de diferentes ângulos foi-se construindo uma idéia geral sobre o assunto. As conferências foram muito boas. Só acho que poderia ter-se dado um espaço para comentar experiências solidárias que já estão acontecendo. Nas oficinas se comentou estudos que estão acontecendo sobre o assunto, mas não experiências. Houve elementos filosóficos que fundamentaram muito bem uma nova concepção, diferente da hegemônica, em relação ao Bem Comum e tudo o que ele abrange.

*Cléber Buzzato. CIMI Sul equipe Irai-RS*

Foi muito bom. Os assuntos muito bem abordados. Acho que está sendo um espaço para buscar soluções. O evento é imperdível.

*Prof. Vicente de Paulo Oliveira Sant'Ana - Pró-Reitor de Extensão*

Estou pensando seriamente em tudo o que acabo de ouvir. Neste tipo de eventos a gente se distancia da rotina para pensar em questões maiores. Percebo que as responsabilidades, pressões e compromissos do dia-a-dia fazem com que as pessoas fiquem nas coisas pequenas, no imediato e não tenham suficiente liberdade para se posicionar diante destas questões do Bem Comum. Eventos como este mobilizam a força da pessoa. Deveria haver mais pequenos desacordos, pequenas medidas aqui e ali contra as injustiças que estamos vivendo. Eu até me sinto culpada por ficar longe destes problemas, por as vezes ficar apagando incêndios de rotina e perder a dimensão reflexiva.

*Profa. Emi Maria Santini Saft - Pró-Reitora de desenvolvimento*

É fundamental para a universidade realizar um evento como o Simpósio Nacional do Bem Comum e Solidariedade. Discutir o Bem Comum, a ética e a política. Os conferencistas foram pessoas de muito gabarito que ajudaram a Universidade a promover esse debate; não para acrescentar conhecimentos intelectuais e sim para buscar soluções ao momento que a gente está vivendo.

*Pe. Pedro Gilberto Gomes. Pró-Reitor de Ensino e Pesquisa.*

O nível das palestras foi muito bom. Ao longo dos dias consegui estruturar meu pensamento sobre os diversos assuntos. Não poderia citar algo pontual e sim o conjunto dos debates, conferências, oficinas e reflexões pessoais. Inclusive ouvi coisas com as que não concordo, mas foram fundamentais para o debate.

*Sonia Minder- Coordenadora da Obra Social N. Sra. de Lourdes – trabalha na Johnson & Johnson em São José dos Campos - SP*

Minha expectativa ficou preenchida. Tirei algumas concepções novas relacionadas ao bem comum. É cansativo, mas ainda assim acho que deveria ser um simpósio desses por semestre.

*Jaime Larri de Vargas - Estudante de Pedagogia da Unisinos.*

Alto nível de reflexão. Gostei especialmente da ligação entre democracia, solidariedade e bem comum e a possibilidade de entender democracia como



um valor que perpassa todas as relações das pessoas. Estes dias foram um marco importante na caminhada da UNISINOS e das outras entidades parceiras na construção da sociedade. O Simpósio marcou uma posição no debate dos tempos atuais.

*Prof. Sérgio Trombetta- Presidente de ADUNISINOS*

## **Estudos sobre O mundo do trabalho**

Nos dias 8 a 10 de julho acontecerá o III Encontro de Estudos sobre o Mundo do Trabalho na UNISINOS. O evento pretende socializar a produção acadêmica de instituições de ensino superior, em âmbito local da UNISINOS e regional, a respeito do tema trabalho. Para contribuir com reflexão e ação das universidades a respeito da agenda da pesquisa e extensão sobre o mundo do trabalho é que o evento reunirá

professores, alunos, pesquisadores envolvidos com o tema trabalho, representantes da UNITRABALHO Regional e Nacional e outras pessoas que desejem participar. O evento acontecerá no Auditório Central.

### **Exposição:**

Durante os dias 09 e 10, ocorrerá no Saguão do Centro de Ciências Humanas, exposição, de trabalhos realizados por professores e alunos da UNISINOS (e outros interessados) sobre o tema Trabalho.

A seguir, confira a programação completa do evento e o resumo das principais conferências:

### **08 de julho de 2002 - Segunda-feira**

**19h30min - Abertura:** Prof. Dr. José Ivo Follmann - Diretor do Centro de Ciências Humanas

#### **19h40min - Painel**

\* *Desafios e tarefas para a universidade* - Prof<sup>a</sup>. Silvia Araújo - Diretora do Departamento de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná - UFPR e Coordenadora Local da UNITRABALHO.

\* *Desafios e tarefas para os movimentos dos trabalhadores* - Paulo Leboutte - Associação Nacional dos Trabalhadores de Empresas de Auto Gestão - ANTEAG.

\* *Cátedra da UNESCO - Trabalho e Economia Solidária* - Prof. Dr. Domingos Donida - Coordenador da Cátedra da UNESCO - UNISINOS.

Coordenador da mesa: Prof. Dárnis Corbellini - Coordenador do Núcleo da UNITRABALHO

### **09 de julho de 2002 - Terça-feira**

**8h30min - Mesa Redonda**

*Trabalho e Subjetividade* - Prof<sup>ª</sup>. Jaqueline Titoni - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Debatedor: Prof. Dr. Henrique Caetano Nardi - Prof. na UNISINOS

#### **14h - Comunicação dos trabalhos inscritos**

Eixos Temáticos

- Economia solidária e cooperativismo
- Mudanças no mundo do trabalho
- Subjetividade e trabalho
- Educação e trabalho
- Linguagem e trabalho
- Saúde e trabalho

#### **10 de julho de 2002 - Quarta-feira**

**Das 8h30min às 10h** - "Tudo ou Nada" - Filme sobre a reestruturação produtiva e a subjetividade

Debatedor: Prof. Dr. Henrique C. Nardi - Prof. na UNISINOS

10h30min - Situação atual e perspectivas da Rede UNITRABALHO na Região Sul - Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Silvia Araújo - Coordenadora Regional da UNITRABALHO e Representantes de Núcleos de outras Universidades.

11h30min - Definição de linhas de ação do Núcleo Local da UNITRABALHO - UNISINOS - Dármis Corbellini - Maria Clara Bueno Fischer, Sinara Santos Robin, Dulce Maria de Oliveira, Clair Ribeiro Ziebell e Lauro João Dick, integrantes do Núcleo Local da UNITRABALHO

12h - Encerramento

## Livros & Artigos

### Livro da semana

#### **EL FRÁGIL ABSOLUTO O POR QUÉ MERECE LA PENA LUCHAR POR EL LEGADO CRISTIANO?,**

Slavoj Zizek, *El frágil absoluto o por qué merece la pena luchar por el legado cristiano?*, Traducción de Antonio Gimeno, Pre-Textos, Valencia, 2002, 215 pp.

Apresentamos a tradução da resenha deste livro feita por Reyes Mate, conhecido intelectual alemão, que, entre outros livros, publicou, em conjunto com Hugo Assmann, uma importante coletânea sobre **Marx y la Religión**, Ed. Sigueme. A resenha, com o título abaixo, foi publicada no jornal **El País**, 22 de junho de 2002.

## O ESPÍRITO DO MATERIALISMO

O esloveno Slavoj Zizek (<sup>1</sup>) é um autor politicamente incorreto que não se detém em tópicos. “**O frágil absoluto ou por que vale a pena lutar pelo legado cristão?**” é o seu último livro. Um convite para conquistar a subjetividade individual interrompendo a lógica das coisas. S. Zizek é um desses discretos laboratórios de idéias que pensam o que habitualmente não se pensa. É falso isso de dizer que na política “já não há mais idéias”. Há. O que se passa é que a novidade delas não consiste em propor respostas milagrosas, mas mudar o modo de colocar os problemas. Este autor esloveno, desconhecido na Espanha, mas muito conhecido na França, Alemanha e nos EUA, é um bom exemplo de quão fecundo pode ser um pensamento que em vez de ficar aprisionado em tópicos se fixa no que realmente faz pensar.

Os materiais trabalhados por Zizek são bastante díspares: a psicanálise lacaniana, o idealismo alemão, o marxismo, o pensamento judeu, a literatura paulina, o cinema, a anedota política, a piada, todo está a serviço de uma análise do traumático – pulsão de morte – na existência que chega até o horror político. Se ele se define *materialista paulino* não é por um interesse confessional – ele não oculta o seu ateísmo -, mas porque ele não está disposto a trivializar o sagrado com as leituras convencionais.

Diferentemente do pensamento politicamente correto que supõe um querer natural da virtude ou da convivência, alterada por uma violência exterior, seja de tipo físico ou metafísico, Zizek se pergunta pela causa do porquê aquilo que nos parece ser não corresponde com o que é, porque não sabemos o que nos parece. Basta redigir uma lei para que nos demos conta da injustiça que cometemos com a sua aplicação. O mesmo caberia dizer a propósito destas grandes construções ocidentais sobre a verdade, a moral ou a política.

O que interessa a Zizek é esse cenário originário, anterior a todo juízo, que condiciona nossos conhecimentos. É um cenário ou esquema traumático porque é o resultado não somente de grandes e exitosos esforços que podemos identificar, mas também de grandes fracassos, de constantes injustiças que temos reprimido. A palavra, a cultura que nos acolhe desde que nascemos não é inocente. Tem esse trauma e somente funciona na medida em que o trauma é reprimido. Um pensamento progressista que somente se preocupe em desenvolver a tradição explícita não fará mais do que aprofundar e agravar o trauma.

Essa intuição pode se expressar em termos psicoanalíticos, como faz Lacan quando fala de ‘fantasma fundamental’ ou de ‘mentira primordial’; em termos filosóficos como faz Heidegger, quando define a verdade como um luz que rompe a obscuridade prévia do bosque, ou em termos políticos como o faz Walter Benjamin quando compreende o presente como o lado vitorioso da história, suportado, no entanto, pelos derrotados que pagaram o preço do progresso.

Se o livro leva o subtítulo de ‘por que vale a pena lutar pelo legado cristão?’ é porque este autor, assim como Alain Badiou, autor do livro *San Pablo. La*

---

<sup>1</sup>.- S. Zizek escreve mensalmente no caderno MAIS da **Folha de São Paulo**. No Brasil, pode-se consultar ZIZEK, Slavoj, (org.), **Um Mapa da Ideologia**, Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

*fundación del universalismo*<sup>(2)</sup>, que Zizek não perde de vista, vê no cristianismo paulino, uma estratégia eficaz de ruptura do esquema originário. O *ágape* paulino, entendido como ‘ódio aos pais’ é uma declaração de guerra à inserção do indivíduo, é a estrutura sócio-simbólica que herdamos e um convite para conquistar a subjetividade singular, capaz de interromper a lógica das coisas e começar algo novo. Nessa verdade consiste o absoluto, que é frágil porque dura um instante, mas que é absoluto porque ataca ao trauma originário e permite começar de novo. A excelente tradução é de Antonio Gimeno, artífice de colocar em circulação entre nós o pensamento crítico representado por autores como Zizek ou Agamben<sup>(3)</sup>.

## A ENTREVISTA DA SEMANA

### JOSEPH STIGLITZ, PRÊMIO NOBEL DE ECONOMIA DE 2001

Joseph Stiglitz, Prêmio Nobel de Economia de 2001, ex-vice-presidente do Banco Mundial, concede, por ocasião do lançamento da tradução espanhola do seu livro *O Mal-estar da globalização*, (já referido aqui no IHU on-line e ainda não traduzido para o português), ao jornal *El País* 23-6-02, uma longa entrevista. Seleccionamos algumas perguntas:

**El País:** Já sabemos que não é uma pessoa, nem sequer o presidente dos EUA que mandam. Mas alguém, alguns, estão na cabeça da tomada de decisões. Como se faz, quem é que faz?

**Stiglitz:** No livro busco deixar claro o papel fundamental dos interesses criados: os financeiros, os das grandes empresas. Mas também insisto em que há outros casos muito importantes onde entram em jogo outras forças. Por exemplo, o movimento Jubileu 2000 teve muita influência no alívio da dívida. O FMI resistia, mas a sociedade civil tinha tanta força que venceu estes interesses. Dentro do próprio Banco Mundial, por exemplo, há muitos economistas que estão preocupados com a pobreza e com o meio ambiente. De forma que essas questões também se colocam. E essa é uma das razões pelas quais os debates no Banco Mundial são mais equilibrados do que no FMI.

#### A necessidade do sacrifício

**El País:** O senhor no livro diz que o veto é do Tesouro, não do Governo dos Estados Unidos?

---

<sup>2</sup>.- Alain BADIOU, Saint Paul. La fondation de l’universalisme, Paris: PUF, 1999, 3<sup>a</sup> ed. Lamentavelmente este livro ainda não foi traduzido para o português. De Alain Badiou, em português, pode ser consultado o livro GARCIA, Célio (org.), **Conferências de Alain Badiou no Brasil**, Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 1999.

<sup>3</sup>.- De Giorgio Agamben acaba de ser traduzido e publicado em português o livro **Homo Sacer. O poder soberano e a vida nua I**, Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002. Por sua vez, Giorgio Agamben é autor do livro **Il tempo che resta. Un commento alla Lettera ai Romani**, Torino: Bollati Boringhieri, 2000. Trata-se de um comentário à Carta de Paulo aos Romanos. G. Agamben acaba de publicar na Itália o livro **L’aperto**, Torino: Bollati Boringhieri, 2002.

**Stiglitz:** Em muitos casos, as questões não foram debatidos no Governo norte-americano, mas é o Tesouro que, sem nenhuma consulta, toma a decisão. Em outros casos há debate, mas quase sempre é o Tesouro o que toma a decisão definitiva. Por exemplo, no caso da Indonésia, o Departamento de Estado estava muito preocupado com a instabilidade e as conseqüências da política do FMI. E tinha razão de estar preocupado... Mas o Departamento do Tesouro seguiu adiante com o programa, com a política dura. O FMI não deixava de dizer que a Indonésia tinha que sofrer para sair dessa crise.

**El País:** O sofrimento visto como purificação. Uma visão muito católica.

**Stiglitz:** Exatamente. Mas o FMI não mudou as medidas.

### **Novo Colonialismo**

**El País:** Subsiste um certo desprezo, racismo, e uma continuação do velho colonialismo, nessa maneira de tratar aos países em desenvolvimento?

**Stiglitz:** No século XIX, quando o México não pôde pagar sua dívida, os exércitos britânico e francês desembarcaram no país. Hoje não se faz isto, por sorte.

**El País:** Como se faz?

**Stiglitz:** Hoje, o país se enfrenta com uma crise e o FMI lhe diz que, se quiser mais dinheiro, tem que fazer isto, mais aquilo e assim por diante. Há uma foto muito significativa, na que Michel Camdessus está sentado assim, e olhando sobre o ombro do presidente da Indonésia, enquanto este assina a cessão da soberania econômica. Há inclusive uma farsa permanente, que consiste em que o país redige uma carta de intenções, onde se detalha o que o país pensa fazer, e a envia para o FMI; mas é o FMI o que disse previamente o que tinha que ser escrito. Eles ditaram a carta.

### **A economia e os pobres**

**El País:** Uma das coisas que mais chama a atenção no seu livro é quando diz: “A economia pode parecer uma disciplina árida e esotérica, mas as boas políticas econômicas podem mudar a vida dos pobres”. Como é algo óbvio, parece que se quer dizer: “Não o esqueçam, isto é possível”. São poucas as ocasiões em que se parte desta idéia para fazer planos econômicos?

**Stiglitz:** A política econômica é a responsável das grandes diferenças que se dão na vida do povo. Boas políticas econômicas podem provocar uma vida melhor, e más políticas a pioram. Isto é, com efeito, tão óbvio mas, no entanto, é necessário repeti-lo sempre. Não deixar de dizê-lo.

## **FRASES DA SEMANA**

### **México na órbita norte-americana**

"Mas não corremos risco, pois temos todos os fundamentos para atravessar essa fase difícil. A economia do México se move hoje na esfera da América do Norte e do dólar, mais do que na esfera da América Latina" – Vicente Fox, presidente do México, ex-diretor da Coca-Cola no México, em visita ao Brasil – **Folha de São Paulo** 30-6-02.

### **Não há alternativas: Uma falácia**

“O FMI sistematicamente se preocupa mais com a inflação do que com o desemprego, porque sua lógica funciona assim. O que eu tento fazer com que compreendam é que o Fundo se inclina demais à contração, e isso provoca queda da atividade econômica, perda de empregos, deterioração ou interrupção da educação e um incremento perigoso na desnutrição” – Joseph Stiglitz, Prêmio Nobel de Economia 2001, ex-número dois do Banco Mundial – entrevista ao jornal argentino *Clarín* e traduzida pela *Folha de São Paulo* 30-6-02.

“O Fundo diz que a dívida tem de ser mantida em dia. Os acordos precisam ser honrados. Mas muitas vezes cumprir um acordo de crédito implica romper um acordo igualmente importante, o contrato social de um governo com seu povo: manter o pleno emprego, garantir a segurança social” – Joseph Stiglitz, Prêmio Nobel de Economia 2001, ex-número dois do Banco Mundial – entrevista ao jornal argentino *Clarín* e traduzida pela *Folha de São Paulo* 30-6-02.

“É uma falácia dizer que não há alternativa às políticas do FMI” - Joseph Stiglitz, Prêmio Nobel de Economia 2001, ex-número dois do Banco Mundial – entrevista ao jornal argentino *Clarín* e traduzida pela *Folha de São Paulo* 30-6-02.

## **Eventos IHU**

### ***Sessão Pública sobre Henrique Cláudio de Lima Vaz***



Na vigília do Simpósio Nacional Bem Comum e Solidariedade. Por uma ética na economia e na política do Brasil, na segunda-feira 24 de junho aconteceu uma homenagem ao Padre Henrique Cláudio de Lima Vaz. A sessão pública foi uma promoção do Instituto Humanitas Unisinos. A obra e o pensamento do Jesuíta recentemente falecido estiveram

presentes nas palavras de tantas pessoas que conviveram com ele. O filósofo e humanista, foi especialmente lembrado pelos conferencistas da noite: Prof. Dr. Marcelo Fernandes de Aquino, vice-reitor da UNISINOS e coordenador do PPG de Filosofia da UNISINOS. Prof. Dr. Ernildo Stein, professor do PPG de Filosofia da PUC-RS e Prof. Luiz Osvaldo Leite, professor da UFRGS e pesquisador do pensamento filosófico do RS.



Gostei do resgate da figura filosófica, do testemunho e do aporte intelectual do Pe. Vaz. Tudo com simplicidade. Foi uma iniciativa muito boa e levada com seriedade.

*P. Bernarrd Lestienne, SJ. CIAS/IBRADES - Brasilia*

Eu convivi com Pe Vaz e fui aluno dele. Sempre me impressionou o tempo que ele dedicava a traduzir e explicar para nós, seus alunos aquelas teorias filosóficas. Eu tinha a impressão que perdia tempo, que ele estava muito além do que nos ensinava, mas ele fazia aquilo com tanto prazer. Era surpreendente a capacidade que tinha de transmitir conhecimentos.

*André Langer. CEPAT - Curitiba*

Pe. Vaz merece esta homenagem tão bem preparada pelo Instituto Humanitas. Eu também o conheci nas aulas de filosofia. O tratamento dele com as pessoas era de uma simplicidade incrível, como todos os grandes sábios.

*José Carvalho. Funcionário do Setor de desenvolvimento pessoal/UNISINOS e ex-aluno do Padre Vaz.*

## Comunicações da Coordenação

### **Entidades de pesquisa social dos jesuítas do Brasil**

No dia 24 de junho, a coordenação do IHU reuniu-se com Thierry Linard de Guertechin, diretor do Cias-Ibrades de Brasília, DF, com Cesar Sanson e André Langer do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores – CEPAT – de Curitiba, PR e com o prof. Dr. José Ivo Follmann, diretor do Centro de Ciências Humanas para discutir as atuais e futuras parcerias como centros de pesquisa social da Companhia de Jesus no Brasil.

### **Rosa Luxemburgo**

No dia 25 de janeiro, a coordenação do IHU reuniu-se com Michael Brie e Joachim Wahl da Fundação Rosa Luxemburgo, com sede em Berlim, na Alemanha, e com o prof. Derli Schmidt, Pró-Reitor de Pesquisa da UERGS e articulador do grupo temático Cooperativismo do IHU.

## Simpósio Nacional

No dia 25 de janeiro, a convite da Reitoria da UNISINOS, a coordenação do IHU juntamente com os convidados-participantes do Simpósio Nacional Bem Comum e Solidariedade, teve uma reunião-almoço no restaurante da mesma. Agradecemos a gentileza do convite.

## Simpósio Internacional sobre a Água

No dia 28 de janeiro, a coordenação do IHU participou da reunião com o geólogo Gerônimo Rocha Albuquerque, prof. Dr. José Luiz Bica de Mélo, prof. Dr. Heraldo Campos, prof. Dr. Leonardo Maltchick, Cesar Sanson e André Langer, do CEPAT, Thierry de Guertechin, do Cias-IBRADES, Telmo Adams, da Cáritas Regional do RS para discutir a realização do Simpósio Internacional Água: Bem Público Universal a ser realizado nos dias 20 a 23 de maio de 2003, na UNISINOS.



*A entrevistada relâmpago desta edição é...*



## Vilma Pafiadache Dantas

Vilma Pafiadache Rocha Dantas é secretária executiva do Programa A União faz a vida do Setor 2, Economia Solidária, Trabalho e Cooperativismo. Formada em pedagogia pela UNISINOS, Vilma é mestranda em Educação pela UFRGS. Casada com Ricardo, há 32 anos, o casal têm duas filhas: Adriana (27 anos), formada em Ciências Jurídicas e Sociais; e Aline (21 anos) estudante do mesmo Curso, ambas na UNISINOS. Natural de Quaraí, Vilma mora em São Leopoldo desde seu casamento.

**União faz a vida-** Eu estudava pedagogia na UNISINOS e fui aluna do Pe. Roque Lauschner, na época Coordenador do Centro de Documentação e Pesquisa da UNISINOS. Foi ele que me convidou a trabalhar no Programa A União faz a vida, em 1995. Era a fase de pensar o Programa. Acompanhar este trabalho foi gratificante, pois os resultados foram muito positivos e a convivência no CEDOPE



com os pesquisadores ligados ao Cooperativismo concorreram para que eu ampliasse os conhecimentos sobre o assunto que, para mim, na prática, era novo.

**Autor-** Morris West

**Livros-** Mundo transparente e Kundu de Morris West

**Nas horas livres-** pinto, desenho, faço o jardim

**Música-** clássica, sobretudo Chopin

**Um presente-** flores e perfumes.

**Um desafio-** educar os filhos para este mundo tão turbulento.

**Momentos inesquecíveis-** quando estou com a família e os amigos.

**Cooperativismo-** mais do que uma saída para a crise econômica e social é um instrumento de participação integral e sustentável, ou seja, participar no sentido de assumir responsabilidades no desenvolvimento das organizações autogestionadas que viabilizem o desenvolvimento integral e sustentável do indivíduo e da comunidade.

**Educação-** uma fonte de realização do ser humano. A base de tudo o processo que é viver.

**UNISINOS-** se impõe através dos tempos como a grande formadora. Tem cumprido o seu papel de tratar as questões da Educação numa linha ascensional de desenvolvimento técnico, científico e humanístico.

**IHU-** um objetivo grande em todo o contexto educacional. Tem o grande mérito de articulador dando uma conotação humanística ao fazer científico da Universidade.

**Envie sua opinião, pergunta ou sugestão.  
Ocupe seu espaço no IHU On-Line, escrevendo a  
humanitas**